

## É brincando que se aprende ou se forma? Uma experiência de educação ambiental em uma escola pública sergipana

***Mônica Andrade Modesto  
Maria Inêz Oliveira Araujo***

### ***Resumo***

O ensino é uma prática educativa e como tal deve ser capaz de transformar a realidade do aluno. Este aluno, por sua vez, precisa encontrar um significado no ensino para que tenha estímulo em aprender significativamente. O presente artigo apresenta os resultados de uma experiência de prática de ensino que buscou verificar como as atividades lúdicas, fundamentadas na aliança entre teoria e prática, possibilitam às crianças a compreensão da importância dos cuidados com a saúde. Dessa forma, os envolvidos puderam construir um valor acerca da saúde, a fim de que pudessem perceber que esta faz parte da qualidade de vida, desenvolvendo, desse modo, um trabalho transversal de Educação Ambiental. Destarte, busca-se demonstrar que a aprendizagem significativa é possível de acontecer quando se criam possibilidades para a construção do conhecimento.

**Palavras-chave:** Ludicidade, Qualidade de Vida, Educação Ambiental, Prática de Ensino, Aprendizagem Significativa.

## ***Abstract***

Teaching is an educational practice and as such it must be able to transform the reality of students. That student, in turn, needs to find meaning in teaching to get motivated in learning meaningfully. This article presents the results of a teaching practice experience sought to verify how playful activities, based on the alliance between theory and practice, enable children to understand the importance of health care. Thus, the ones involved were able to construct a value about health so they could perceive it is part of life quality, developing, therefore, a transversal work of Environmental education. Thus, we seek to demonstrate that meaningful learning is possible if possibilities are created for construction of knowledge.

**Keywords:** Playfulness, Life quality, Environmental Education, Teaching Practice, Meaningful Learning.

É sabido que toda criança gosta de brincar e que o “seu mundo” é mediado pela brincadeira, pela ludicidade. São os momentos de brincadeira que lhe proporciona a aquisição do conhecimento e o desenvolvimento de valores e comportamento. Contudo, a brincadeira, por diversas vezes, é enxergada de maneira equivocada e confundida como meros passatempos ou distrações, mas ela vai muito além do entretenimento. Quando utilizada da maneira correta, a brincadeira pode se tornar uma grande aliada no processo de ensino-aprendizagem, como demonstra Oliveira (2008), quando afirma que:

Uma criança não precisa de motivos ou razões para brincar. Ela tem uma motivação interna que a impulsiona para a brincadeira. É o brincar pelo brincar, sem necessidade da existência de um objetivo final a ser alcançado. Enquanto para a criança a brincadeira tem fim em si, para o adulto a brincadeira pode ser vista como uma possibilidade para a promoção do desenvolvimento, da saúde e da aprendizagem. Por meio da brincadeira, as crianças podem exprimir sentimentos, dominar angústias, aumentar experiências sociais e emocionais, treinar para situações imediatas e futuras, estabelecer contatos e estimular os aspectos do desenvolvimento, da saúde e da aprendizagem (OLIVEIRA, 2008, p. 193).

O ensino mediado pela brincadeira permite que o/a professor/a articule os conteúdos de forma interdisciplinar. Isso porque, ao utilizar uma atividade lúdica, o/a educador/a pode trabalhar diversos conteúdos de diferentes disciplinas. Assim, um processo de aprendizagem que tem sua base na interdisciplinaridade ultrapassa os resultados do ensino tradicional, aquele que se fundamenta na transmissão de conteúdos e que deixa o aluno passivo na aquisição do conhecimento.

A interdisciplinaridade permite que o aluno se envolva na produção do conhecimento, portanto, ela é imprescindível para o bom aproveitamento do ensino, visto que consiste na superação da fragmentação e da compartimentalização de conhecimentos. Carvalho (1998, p. 09) confirma essa concepção ao afirmar que o trabalho interdisciplinar “pretende superar uma visão especializada e fragmen-

tada do conhecimento em direção à compreensão da complexidade e da interdependência dos fenômenos da natureza e da vida”.

Corroborando a percepção de Carvalho, Mattos (2006) afirma que é a partir do caráter interdisciplinar contextualizado da educação que se pode articular a EA, a fim de que esta possa difundir a abertura de um caminho para o desenvolvimento sustentado associado à realidade do Brasil, sem ser preciso importar modelos de outros países.

Observa-se assim que o processo de aprendizagem não se resume apenas ao ensino dos conteúdos curriculares, mas estende-se também ao processo de construção de valores que irão nortear as escolhas, as decisões e as atitudes do aluno durante o seu processo de formação como sujeito.

Desse modo, concebe-se que o ensino deve estar ancorado na formação de valores, pois estes se traduzem no significado do aprendizado, e se não há significado é porque não houve um aprendizado efetivo, capaz de transformar as ações do indivíduo; houve apenas uma transferência de conteúdo. Freire (1996) já indicava essa problemática quando explanou sua concepção de ensino, na qual ensinar não é simplesmente transferir conteúdos, mas criar possibilidades para que o aluno possa construir seu conhecimento.

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais, é importante que a criança tenha oportunidade de “(...) conhecer e cuidar do próprio corpo, valorizando e adotando hábitos saudáveis como um dos aspectos básicos da qualidade de vida e agindo com responsabilidade em relação à sua saúde e à saúde coletiva” (BRASIL, 1997, p.07).

É importante ressaltar que os PCNs trazem, atreladas às suas propostas, discussões sobre meio ambiente e saúde, uma vez que Educação Ambiental não se resume apenas aos conteúdos relacionados à ecologia. Ela perpassa caminhos essenciais para o bem estar individual e coletivo da sociedade. Reigota (2006, p. 10) define esta educação como uma “(...) educação política, no sentido de que ela

reivindica e prepara cidadãos para exigir justiça social, cidadania nacional e planetária, autogestão e ética nas relações sociais e com a natureza". Como resultado desta prática, haverá a garantia ao ser humano da qualidade de vida, e a construção do valor da saúde é um aspecto desta qualidade.

Guimarães (1995) aponta que a educação ambiental vem sendo chamada a dar conta da mudança de valores e atitudes da humanidade. Tal mudança vislumbra a construção de valores no indivíduo. É embasado em valores como solidariedade, humanização, sensibilização, corresponsabilidade que o homem poderá então criar medidas que visem ao bem-estar coletivo e promovam um equilíbrio para com o ambiente, gerando qualidade de vida.

Fala-se em construção do valor da saúde porque na perspectiva freireana é assim que a educação precisa ser, pautada na construção de valores. Uma educação que prima por este objetivo alcança resultados significativos, pois permite ao educando que estabeleça reflexões críticas acerca do meio em que vive. Conforme o método Paulo Freire (2005), para que haja uma educação transformadora, é necessário que o professor conheça e trabalhe a realidade do aluno de forma interdisciplinar a fim de que o aprendente – forma como Freire se refere ao aluno – seja capaz de encontrar significado no que está sendo ensinado e, a partir de então, construa seu conhecimento, fundamentado em valores construídos por ele mesmo. Assim, justifica-se o fato da defesa em se trabalhar a construção de valores neste artigo, que é fruto de ações educativas desenvolvidas durante a disciplina de estágio supervisionado, a qual compreende um período de regência escolar com alunos das primeiras séries do ensino fundamental.

Partindo da indagação sobre a possibilidade de construir valores relacionados à educação ambiental por intermédio da ludicidade, é que se definiu o objeto de estudo do projeto elaborado: a brincadeira como um agente cooperador para a melhoria da qualidade de vida das crianças envolvidas na prática de ensino.

Dessa forma, o presente trabalho buscou verificar se é possível lançar mão da brincadeira para o desenvolvimento de atividades de educação ambiental e como elas se constituem em uma ferramenta<sup>1</sup> motivadora para a construção de valores e aquisição de conhecimento.

Para o alcance desses objetivos foi desenvolvido um projeto de ensino, com alunos do quarto ano da Escola Municipal de Ensino Fundamental (EMEF) Dr. Martinho de Oliveira Bravo, que buscou colaborar para a reflexão a respeito da saúde da criança e do modo como esta é tratada pela esfera da escola pública, e possibilitar, de modo efetivo, uma melhoria significativa na promoção da saúde, permitindo que as crianças envolvidas neste projeto tivessem uma melhor qualidade de vida.

### ***Procedimentos metodológicos***

os procedimentos metodológicos adotados caracterizam essa pesquisa como de abordagem qualitativa, com caráter empírico e intervencionista, visto que, ao final, houve uma intervenção na prática cotidiana dos envolvidos no projeto.

A experiência da prática de ensino aconteceu durante dez aulas. Como aportes metodológicos para o alcance deste objetivo foram utilizadas aulas expositivas e algumas atividades lúdicas, como brincadeiras e jogos. As primeiras aulas partiram do tema "A brincadeira na promoção da saúde". Os recursos utilizados foram bastante simples. Fez-se uso apenas de quadro-negro, giz, embalagens e rótulos de produtos, figuras, brincadeiras, livro didático, textos paradidáticos e um cartaz com figuras dos hábitos de higiene que promovem a saúde (figura 01).

<sup>1</sup> A brincadeira constitui-se como ferramenta porque, neste trabalho, seu objetivo final foi promover a formação dos alunos e não somente executá-la aleatoriamente.



Figura 01: Cartaz utilizado para apresentar os hábitos de higiene. No detalhe: as figuras do cartaz. Fonte: Trabalho de campo.

A prática foi iniciada com uma apresentação do tema higiene e saúde e um diálogo sobre o mesmo, para que fosse possível fazer uma avaliação diagnóstica acerca da temática trabalhada. Esse momento de avaliação foi importante, pois através dele se pôde identificar os conhecimentos prévios dos alunos e, a partir de então, reavaliar as estratégias que seriam utilizadas para o alcance dos objetivos do projeto. Luckesi (2005) aponta que:

O ato de avaliar tem como função investigar a qualidade do desempenho dos estudantes, tendo em vista proceder a uma intervenção para a melhoria dos resultados, caso seja necessária. Assim, a avaliação é diagnóstica. Como investigação sobre o desempenho escolar dos estudantes, ela gera um conhecimento sobre o seu estado de aprendizagem e, assim, tanto é importante o que ele aprendeu como o que ele ainda não aprendeu. O que já aprendeu está bem; mas o que não aprendeu (e necessita de aprender, porque essencial) indica a necessidade da intervenção de reorientação..., até que aprenda (LUCKESI, 2005, p. 02).

A avaliação diagnóstica é muito importante também para que o aluno alcance a aprendizagem significativa. Para Auzubel (1980), o processo de ensino-aprendizagem só tem sentido para o aluno quando lhe oferece possibilidades para a construção da aprendizagem significativa.

Além da escrita e da leitura foi desenvolvida ainda a atividade de contação de histórias, priorizando o acesso à literatura infantil. A literatura infantil é de suma importância na vida da criança. Ela é capaz de despertar no aluno o gosto e a valorização da leitura, o senso crítico, além de auxiliar na escrita e na linguagem.

Como procedimento metodológico, escolheu-se o critério investigativo que instiga a pesquisa porque através desta o aluno tem a oportunidade de buscar as informações que ele quer aprender. E quando se trata de crianças, a pesquisa tem um significado ainda maior, que é o de desvendar os mistérios da curiosidade. Martins *apud* Mattos e Castanha (2008) destaca que:

A criança tem paixão inata pela descoberta e por isso convém não lhe dar a resposta ao que não sabe, nem a solução pronta a seus problemas; é fundamental alimentar-lhe a curiosidade, motivá-la a descobrir as saídas, orientá-la na investigação até conseguir o que deseja (MATTOS; CASTANHA, 2008, p. 05).

Foi construído um jogo de tabuleiro intitulado "Corrida Saudável" (figura 02). O jogo trazia algumas questões de língua portuguesa, matemática e referentes ao tema higiene e saúde e era marcado pela presença de regras.

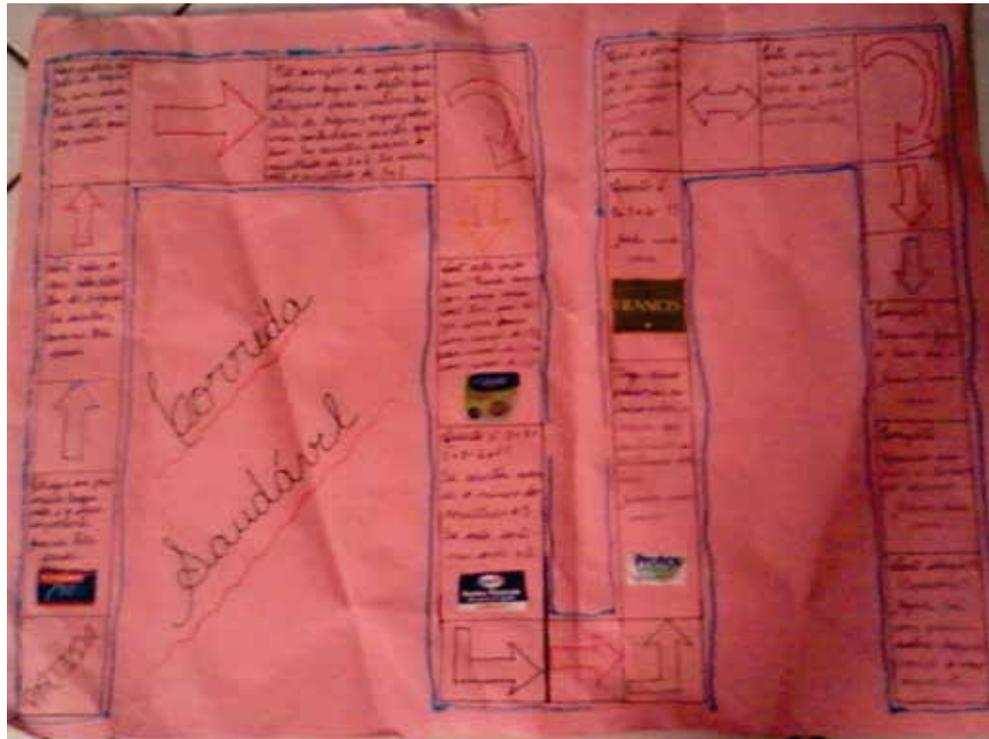


Figura 02: Jogo de tabuleiro "Corrida saudável". Fonte: Trabalho de campo.

Os jogos de regras permitem que as crianças interajam em situações igualitárias, de caráter discursivo, em que necessitam cooperar entre si para alcançarem um objetivo. Caiado e Rossetti (2009) apontam que:

Jogando, a criança encontra a possibilidade de interagir com seus iguais e debater opiniões, o que favorecerá o exercício da reciprocidade tão peculiar ao ato de cooperar. [...] O jogo de regras representa a exigência de reciprocidade social na medida em que instaura a regra como produto de uma regularidade imposta pelo grupo. Encontra-se nela um sentido de obrigatoriedade que denota a existência de relações sociais. Desse modo, o jogo de regras constitui a atividade lúdica do ser socializado, o que explicaria seu desenvolvimento tardio e a permanência de sua prática após a infância. A capacidade de cooperar, por sua vez, conduzirá a criança a novas interpretações do mundo e das coisas, produzindo mudanças significativas em seu pensamento. [...] É também com base na cooperação que as crianças passarão a defender

a igualdade em face da autoridade. No campo cognitivo, será esta a responsável por modificar as atitudes ego-cêntricas iniciais, permitindo a inserção da criança num sistema de reciprocidade lógica e interpessoal, isto é, de cooperação (CAIADO; ROSSETTI, 2009, p. 01).

Com base na citação acima, é possível perceber a importância que o jogo tem na vida da criança, pois ele é aporte metodológico que instiga o aluno, desperta o desejo de aprendizagem de uma forma prazerosa e tem como consequências aprendizagens que vão além da sala de aula. Através de brincadeiras e jogos o aluno compreende que é preciso abrir mão de alguns anseios em prol da conquista do grupo, compreende que todos são iguais e que a cooperação é necessária para a conquista de um objetivo. O jogo proporciona ainda o aprendizado da importância do trabalho em equipe.

### ***Discussão dos resultados***

Em uma análise mais profunda sobre os escritos das crianças, pode-se observar que estes se encontram em três níveis: silábico, silábico-alfabético e alfabético. O nível silábico, conforme demonstram Ferreiro e Teberosky (1999), compreende uma fase em que a escrita é pautada pela sonoridade. A criança tenta corresponder fonemas a grafemas. Um grafema corresponde à sistematização do som da fala em um sistema de escrita, nesse caso, em fase inicial. Neste nível, observa-se que a utilização dos símbolos gráficos (letras) é aleatória e nem sempre a representação dos fonemas corresponde à escrita convencional. No primeiro dia, os alunos que ainda estavam neste nível de aquisição da escrita não se dispuseram a escrever. Eles apenas desenharam (figura 03).

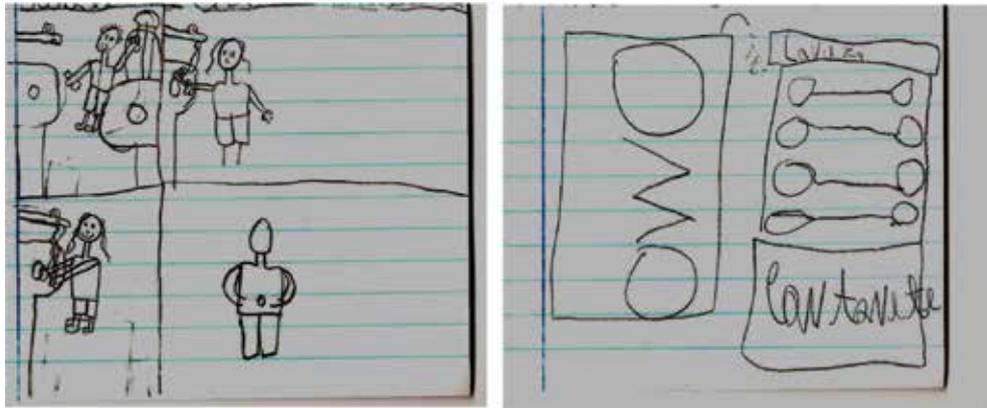


Figura 03: Desenhos feitos pelos alunos. Fonte: Trabalho de campo.

O nível silábico-alfabético, de acordo com as mesmas autoras, compreende uma fase intermediária em que há uma correspondência entre a fase silábica e a fase alfabética. A escolha que o aluno faz das letras pode seguir um critério fonético ou ortográfico. Este fato faz com que a escrita apresente algumas sílabas com características do nível silábico e outras, do nível alfabético, ocasionando uma escrita mista (figura 04). A figura mostra que a criança consegue identificar a separação das palavras, porém, ainda as escreve conforme o modo de falar.

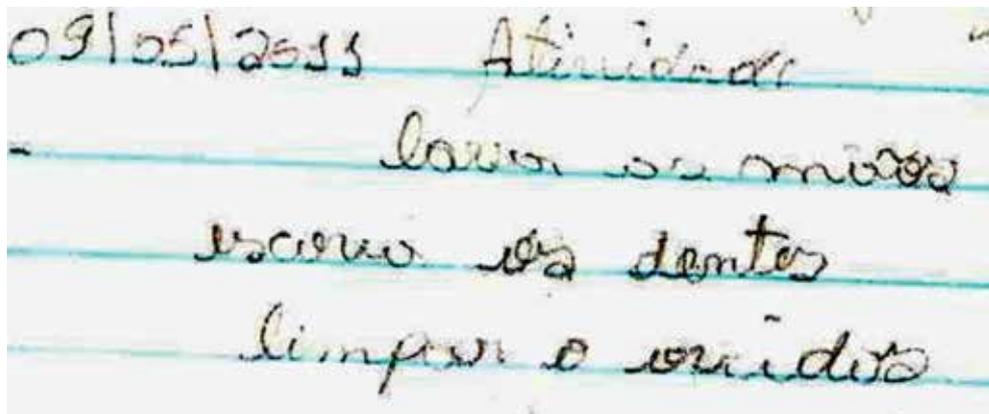


Figura 04: Texto produzido por uma criança em nível silábico-alfabético. Fonte: Trabalho de campo.

O nível alfabético corresponde à fase em que a criança compreende e opera com o sistema de escrita, entendendo que a sílaba pode ser desmembrada em letras e que é necessária a análise fonética das palavras para escrevê-las. No entanto, escreve sem demonstrar o uso correto

da grafia (figura 05). É possível identificar este nível na figura, na qual a criança demonstra que sabe separar as palavras, porém ainda faz uso da fonética para escrever, o que ocasiona a falha gramatical.

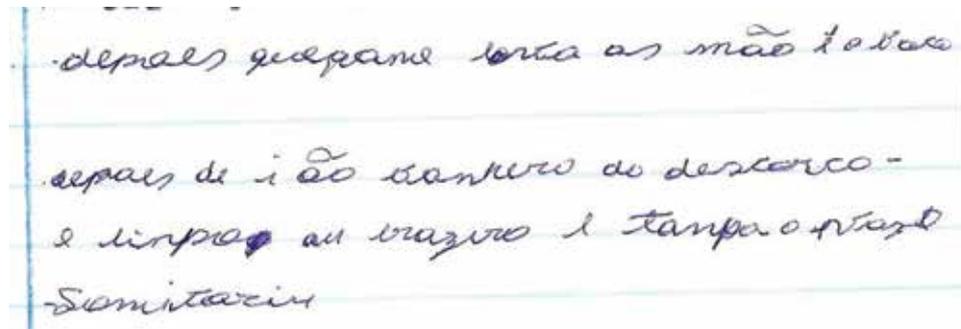


Figura 05: Texto produzido por uma criança em nível alfabético. Fonte: Trabalho de campo.

Observou-se ainda que, assim como a escrita, a leitura também se encontrava no estágio alfabético, no qual as crianças recorrem à silabação das palavras para compreender o seu sentido. Nesta fase é muito comum a presença de erros em palavras que apresentam complexidades em sua escrita. Capovilla (2004) demonstra como a leitura acontece no nível silábico quando diz que:

No estágio alfabético, as relações entre o texto e a fala se fortalecem. Desenvolve-se a estratégia fonológica, sendo que a escrita passa a ficar sob controle dos sons da fala e, na leitura, a seleção e o seqüenciamento de sílabas e fonemas passam a ficar sob controle dos grafemas do texto. A criança aprende o princípio da decodificação na leitura (isto é, a converter as letras do texto escrito em seus sons correspondentes) e o da codificação na escrita (isto é, a converter os sons da fala ouvidos ou apenas evocados em seus grafemas correspondentes). A leitura por decodificação grafo-fonêmica, bem como a escrita correspondente por codificação fonografêmica, no início, são muito lentas e podem apresentar erros em palavras com irregularidade nas relações entre as letras e os sons (como, por exemplo, BOXE) (CAPOVILLA, 2004, p. 191).

Após a análise dos escritos e das falas das crianças, é possível observar que, no início, as crianças identificavam meio ambiente como sendo apenas o espaço físico e saúde como o estado de saúde em que se encontravam. No primeiro dia, elas entendiam como hábitos de higiene apenas as obrigações diárias sem relacioná-las com a saúde. Já nos escritos deste dia, pude notar que havia relação entre a higiene e a saúde e também entre a qualidade do ambiente (figuras 06, 07, 08 e 09).

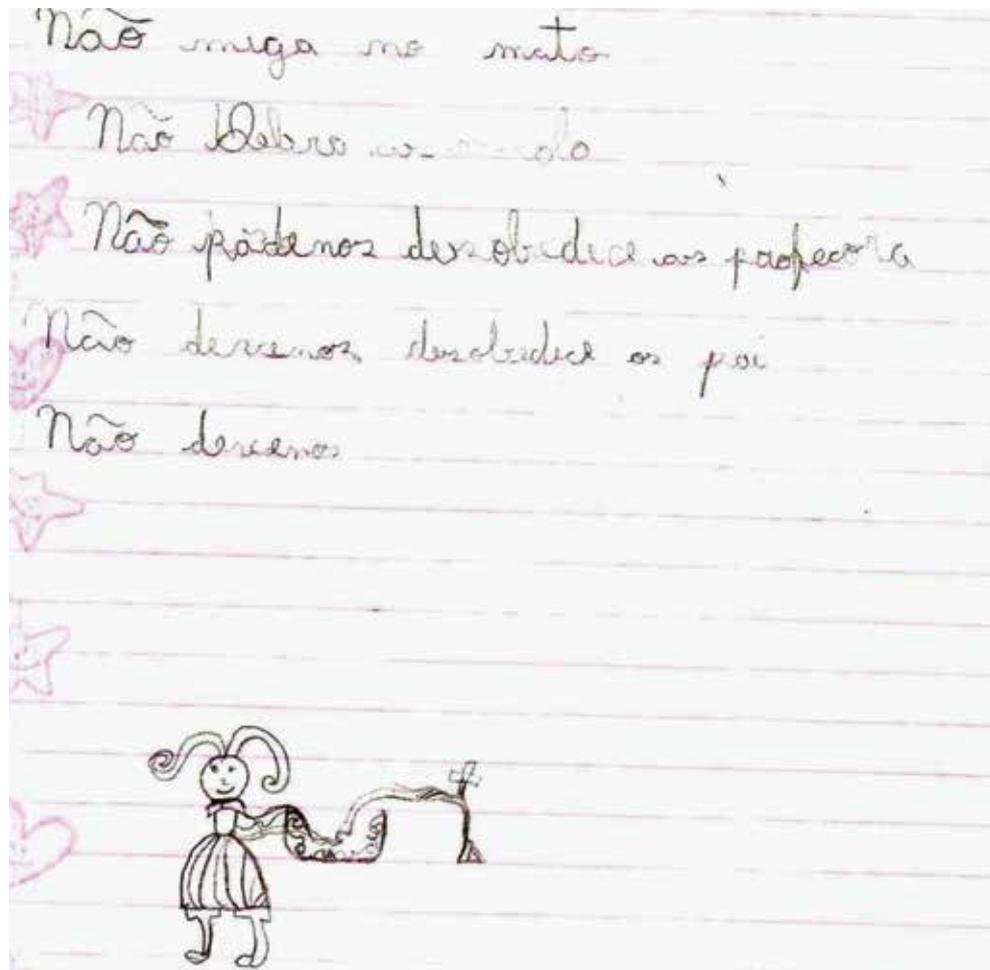


Figura 06: Texto de uma criança sobre higiene e saúde. Fonte: Trabalho de campo.

Higiene, saúde e meio ambiente nome:

- 1- Obedecer as professoras.
- 2- Não rir de ninguém.
- 3- Não bater o colega.
- 4- Não chutar o colega.
- 5- Não mentir para ninguém.
- 6- Não brigar.
- 7- Não fazer o que não deve.
- 8- Não segurar as coisas do colega.
- 9- Cuidar da escola.
- 10- Não fazer maldades.

Figura 07: Texto de uma criança sobre higiene e saúde. Fonte: Trabalho de campo.

Para manter a saúde e higiene não são os  
2 mãos mais suadas tem que: lavar as  
3 unhas, tomar banho, lavar as mãos  
4 escovar os dentes, jogar o lixo com um buraco  
5 limpa o ambiente  
6 escovar o nariz com o lenço  
7 precisa limpa os olhos  
8 fazer as mesquinhas diariamente  
9 fazer o cabelo todo dia  
10 limpa o cabelo diariamente  
11 faz

Figura 08: Texto de uma criança sobre higiene e saúde. Fonte: Trabalho de campo.

As crianças não escreveram explicitamente a questão da qualidade, mas como citaram atitudes que devem ser tomadas para manter a qualidade do ambiente, avalio que já haviam começado a criar um valor sobre qualidade e saúde. Em relação à produção do texto, pode-se observar que elas ainda estão em busca da coesão textual e, por isso, sentem dificuldade em organizar o pensamento para pô-lo no papel. Esse é um processo comum na aquisição da escrita.

## **Considerações finais**

A partir das avaliações pode-se observar que o objetivo do projeto foi atingido em parte, uma vez que nem todos os alunos conseguiram construir um valor sobre saúde e qualidade de vida. Uma boa parte da turma conseguiu relacionar a higiene com a saúde. Este é um ponto favorável, mas alguns ainda tiveram dificuldade em relacionar a saúde com a qualidade do ambiente, que gera qualidade de vida.

É possível afirmar que houve um resultado significativo, uma vez que alguns alunos passaram a relacionar a higiene à saúde. Quanto à qualidade de vida, não posso afirmar que as crianças incorporaram este conceito aos seus conhecimentos, pois não demonstraram essa relação nas atividades.

É possível afirmar também que um valor foi criado pelos alunos: o valor da saúde. Em suas práticas, pude notar que eles se mostravam preocupados em manter hábitos de higiene porque não queriam ficar doentes. Verificou-se que as crianças passaram a lavar as mãos com mais frequência do que no início do estágio. Começaram a ir com roupas mais limpas, mostravam que haviam cortado as unhas e limpado os ouvidos, passaram a zelar mais pelo material escolar, etc. Essas mudanças atitudinais dos alunos foram responsáveis pelo sucesso desse estágio, mesmo que todos os objetivos não tenham sido atingidos por completo.

Por fim, pode-se afirmar ainda que, por meio da brincadeira, é possível formar as crianças e promover um processo de ensino-aprendizagem mediado pela construção de valores, uma vez que foi verificado, apesar do curto espaço de tempo de aplicação do projeto, que as crianças refletiram sobre o que aprenderam e transformaram suas práticas a partir do que foi aprendido.

## Referências

AUZUBEL, D. Novak; HANESIAN, H. **Psicologia educacional**. 2. Ed. Rio de Janeiro: Interamericana, 1980.

BRASIL. Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais** – primeiro e segundo ciclos do ensino fundamental: ensino de ciências. Brasília: Secretaria de Educação Fundamental MEC, 1997.

CAIADO, A. P. S.; ROSSETTI, C. B. Jogos de regras e relações cooperativas na escola: uma análise psicogenética. **IN: Psicologia Escolar e Educacional** (Impr.) vol.13 no.1 Campinas Jan./June 2009. Disponível em < [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S141385572009000100010&lang=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141385572009000100010&lang=pt) > acesso em 24/06/2011.

CAPOVILLA, A. G. S. [ET AL]. Estratégias de leitura e desempenho em escrita no início da alfabetização. **IN: Psicologia Escolar e Educacional**, 2004 Volume 8 Número 2 189-197. Disponível em < <http://www.scielo.br/pdf/pee/v8n2/v8n2a07.pdf> > acesso em 23/06/2011.

CARVALHO, I. C. M. **Em direção ao mundo da vida: interdisciplinaridade e educação ambiental** / Conceitos para se fazer educação ambiental. Brasília: IPÊ - Instituto de Pesquisas Ecológicas, 1998.

FERREIRO, E.; TEBEROSKY, A. **Psicogênese da língua escrita**. Tradução de Diana Di Marco e Mário Corso. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2005.

GUIMARÃES, M. **A dimensão ambiental na educação**. Campinas: Papi-rus, 1995.

LUCKESI, C. C. Avaliação da aprendizagem... mais uma vez. **IN: Revista ABC EDUCATIO** nº 46, junho de 2005, páginas 28 e 29. Disponível em <[http://www.luckesi.com.br/textos/abc\\_educatio/abceducatio\\_46\\_avaliao\\_da\\_aprendizagem\\_mais\\_uma\\_vez.pdf](http://www.luckesi.com.br/textos/abc_educatio/abceducatio_46_avaliao_da_aprendizagem_mais_uma_vez.pdf)> acesso em 23/06/2011.

MATTOS, E. M. A.; CASTANHA, A. P. **A importância da pesquisa escolar para a construção do conhecimento do aluno no ensino fundamental**. Paraná: Secretaria de Educação do Estado, 2008. Disponível em <<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/2525-6.pdf>> acesso em 24/05/2011.

MATTOS, S. **A educação na escola: teoria x prática sob o ponto de vista interdisciplinar**. Publicado em 2006. Disponível em <[www.amigosdaturaleza.org.br](http://www.amigosdaturaleza.org.br)> acessado em 25/02/2010.

OLIVEIRA, L. D. B. [ET AL] "Brincar" como agente promotor de saúde no desenvolvimento infantil. **IN: Revista de Ciências Humanas. Florianópolis**, EDUFCS, v. 42, n. 1 e 2, p. 193-215, Abril e Outubro de 2008. Disponível em <[www.cfh.ufsc.br/~revista/rch42\\_artigo\\_8.pdf](http://www.cfh.ufsc.br/~revista/rch42_artigo_8.pdf)>. Acesso em 13/04/11

REIGOTA, M. **O que é Educação Ambiental**. São Paulo: Brasiliense, 2006.

### ***Sobre as autoras***

Mônica Andrade Modesto: Aluna regular do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe, professora de educação básica do quadro permanente da Secretaria de Estado da Educação (SEED/SE).

E-mail: [monicamodesto1@gmail.com](mailto:monicamodesto1@gmail.com)

Maria Inêz Oliveira Araujo: Doutora em Educação com pós-doutoramento na mesma área. Professora associada do Departamento de Educação da Universidade Federal de Sergipe. E-mail: [inezaraujo58@hotmail.com](mailto:inezaraujo58@hotmail.com)